

A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA EXISTENTE NO ROMANCE “OS CORUMBAS” DE AMANDO FONTES.

LIMA, Riva Dávia Ramiro

NETO, Antonio Joaquim

SANTANA, Ana Maria Silva. (amssantan@uol.com.br)

NASCIMENTO, Ricardo Abreu (Orientador)

Graduado em Letras-Português
terrannascimento@infonet.com.br

RESUMO

Através da leitura do romance “Os Corumbas” do escritor Amando Fontes, faz-se necessário um estudo aprofundado para tentar compreender os aspectos lingüísticos e variacionais da língua dos sergipanos no início do século XX. O resultado desta investigação é deparar-se com o perfil lingüístico do Nordeste, utilizando-se dos conceitos da Sociolingüística, tais quais: Variação diatópica, diafásica e diastrática, buscando-se perceber através destas a apropriação lingüística do elenco dos personagens criado por Amando Fontes. As variedades lingüísticas utilizadas pelos personagens da família “Corumbas” não correspondem com as expectativas sociais convencionais, a essa variação a Sociolingüística denomina de “variante diatópica”. A variação diastrática por sua vez relaciona-se a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes de natureza, tais quais: idade, sexo e classe social. O romance em estudo possui uma linguagem rica em oralidade e diálogos, conteúdo revelador e de descobertas de relações humanas, sociais e culturais que ultrapassam os limites do regional para alcançar uma dimensão universal. Nesses termos, surge a necessidade de levar o aluno a compreender que é necessário refletir acerca da importância de saber lidar com as “diferenças” e as variações lingüísticas, uma vez que a

diversidade é um importante instrumento de compreensão, análise, interpretação e construção de significados que enriquece e amplia os conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolingüística, sociedade, variação lingüística e linguagem.

Sendo a Sociologia uma ciência que estuda as sociedades humanas e o processo que interligam os indivíduos em grupos e instituições, faremos uma abordagem do estudo dessa ciência com a linguagem literária. Como ela estuda os fenômenos que ocorrem quando vários indivíduos se encontram em grupos de tamanhos diversos, e interagem no interior desse grupo, onde os indivíduos podem fazer uso da linguagem de várias maneiras, usando-a de forma “cultura” ou “coloquial”.

A Sociologia toca todos os domínios na existência humana em sociedade. Ela se ocupa com as observações do que é pertinente nas relações sociais, e debruça-se sobre todos os aspectos da vida social. Desde seu funcionamento ao comportamento dos indivíduos num nível micro-sociológico, sem esquecer que o homem só pode existir na sociedade e que esta é o meio de sua ascensão social ou pode ser uma “jaula”, sem esperanças para o transcender. (MUSSALIN, 2005,p.33).

A união da lingüística e o social ressaltou na sociolingüística que estuda a relação da sociedade com a língua, ou seja, estuda as relações entre língua e os componentes sociais. As mudanças por que passam as sociedades e que se reflete na evolução da língua. Uma sociedade não pode subsistir em um meio de comunicação que é possível identificar com a própria vida social. Onde a consciência e a prática social convergem mais obviamente para Marx é a própria linguagem.

A linguagem é tão antiga quanto a consciência; a linguagem é uma consciência prática real que existe igualmente para outros homens, e apenas assim existe para mim também; a linguagem como consciência, somente emerge a partir da carência da necessidade de interação com outros homens.(MARX,2001).

Numa sociedade as pessoas ou grupo de pessoas são divididas em classes sociais abertas ou fechadas, ela não se dá de maneira igual para todos, colocando a linguagem como algo que só os que tem prestígio ou ascensão social a desenvolve dentro dos padrões que os mesmos acham “corretos”. Dentro do nível popular, a língua

pode ainda alcançar o nível chamado “vulgar”. Este tipo de variante lingüística é de uso maior do que se imagina, aparecendo não apenas entre as classes de baixo nível de escolarização, como também entre as classes média e alta, ou classe social privilegiada ou desprivilegiada.

A Sociologia tem dado importantes contribuições para a lingüística e a literatura através de algumas análises conceituais. Nas últimas décadas vêm crescendo o estudo da linguagem em uso vigente no contexto social, esses enfoques se abriga sob o rotulo de Sociolingüística, cobrem uma grande variação de assuntos. Entre os assuntos abordados pela Sociolingüística encontram-se os problemas de cunhos sociais, lingüísticos e regionais.

A sociolingüística veio mostrar que toda língua muda com o passar do tempo e varia com o espaço, além de transformar a situação social do falante, assim, a sociolingüística têm como objeto observar, descrever e analisar a língua falada de cada comunidade em seu contexto social, denotando o desenvolvimento da linguagem em situações de uso no cotidiano. (MUSSALIN,2005,p.31). Como o ser humano é dotado de capacidades intelectuais ele pode desenvolver a linguagem de acordo com o meio em que o mesmo está inserido. A linguagem vulgar é variante estigmatizada como de nenhum valor nas situações sociais que exigem certo grau de formalidade.

Este tipo de enfoque, denominado Sociologia da linguagem, é um ramo das ciências sociais que encara os sistemas lingüísticos como instrumentais em relação às instituições sociais. Sendo a Sociologia uma ciência interdisciplinar, podemos fazer uma abordagem comparativa com a Literatura. Pois sendo uma ciência social podemos fazer um contraponto e colocar a Literatura como complemento dessa ciência. Pois a

mesma trata de problemas sociais, regionais, ficcionais entre outros. Que em muitos casos os temas são de cunho social e político, envolvendo pessoas da sociedade ou grupos de pessoas.

Quando uma comunidade é observada percebe-se que existe no modo de falar diferenças que podem ser fonéticas, morfológicas e semânticas, observa-se também algumas semelhanças, porém, as diferenças chamam mais à atenção, quando identificamos os traços característicos de um determinado modo de falar a língua, denomina-se variedade lingüística, que por sua vez forma o repertório verbal de cada falante. A proposta BRIGHT (1966) para a Sociolingüística é a de que ela deve “demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social. Ou seja, relacionar as variações lingüísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade.

A língua falada por qualquer comunidade, apresentará sempre uma variação de como se deve desenvolver seu repertório verbal, a língua falada não pode ser apresentada como uma entidade homogênea. Uma vez que cada comunidade ou cada pessoa adquire ao longo do tempo seu repertório lingüístico

O objeto de estudo da Sociolingüística é a diversidade lingüística existente em uma comunidade. Através desse estudo da língua falada, observada, descrita e analisada percebe-se a covariação sistemática das variações lingüísticas e sociais. O ponto de partida desse estudo é uma determinada comunidade lingüística, ou seja pessoas que interagem verbalmente.

Em determinadas comunidades as pessoas são tratadas conforme o status social a que pertencem, a condição financeira e o poder aquisitivo que exercem no meio social que estão inseridos. Na maioria dos casos estudados ou que tiveram algum registro os preconceitos começa entre os integrantes da próprio grupo. Os membros dessas comunidades menos favorecidas denominam os poderosos como pessoas “cultas” ou seja, os que usam a linguagem de forma “correta”. Por sua vez os que tem poder e ascensão social são estereotipados como os donos da verdade e do saber.

Essa teoria soa um tanto absurda, pois não é justo rotular como detentora do saber as pessoas que tem poder ou estão na sociedade em uma posição financeira confortável. Quando se refere a variação lingüística torna-se necessário rever a historicidade da língua, já que sua evolução não é um mero acaso pois esta baseia-se na herança que é passada de forma sucessiva, como legado aos descendentes de uma língua em particular. As mudanças, adaptações e evoluções fazem parte da transformação da língua falada.

Esclarecer uma série de mitos sem fundamentos que entram na composição do arraigado preconceito que está presente em nossa sociedade é o primeiro passo para tentar diminuir o preconceito lingüístico que atrapalha o desenvolvimento cultural de um povo. As variantes de uma determinada língua e sua historia é o que caracteriza o indivíduo nos aspectos sócio político e cultural uma vez que, possibilita a identificação de determinados grupos sociais inseridos nestes, por suas diversificações lingüísticas. A formalidade e informalidade da linguagem é muito presente caracterizando e identificando seus usuários.

Segundo Marcos Bagno no livro *Preconceito Lingüístico* a sociedade é preconceituosa principalmente contra os negros, pobres e nordestinos. Sendo assim, o preconceito lingüístico passa a ser social, quem vive em uma zona privilegiada mesmo falando “errado” nada acontece, pois o mesmo está inserido em uma sociedade “elitista”. Já os que residem em uma sociedade carente é visto como “ignorantes”, são os que não sabem falar, ou os que enfeiam a língua. Na verdade não existe “erro” em língua, o que existe é variação e mudança. Uma vez que compreende-se a fala através do trato diário e das experiências com as quais aprende quando deve falar de uma determinada forma ou não. É importante perceber que os ensaios possibilitam ao indivíduo discernir o local e a ocasião ideal para usar uma determinada variante da língua falada “cultura” ou não.

“Como cada um de nós sabe muito bem, a língua é frequentemente usada na prática da discriminação, da exclusão social. O preconceito lingüístico vivo e atuante é uma realidade inegável no Brasil” (BAGNO 1999;2000).

Uma vez que a sociedade denominam esses grupos de classes inferiores, os que não conhecem ou não dominam a língua materna, os que envergonham ou que avacalham com a língua “padrão”. Mas como pode padronizar uma língua que tem uma grande miscigenação de raças, uma língua fruto de várias misturas e vários dialetos.

Algumas vezes o preconceito começa dentro do núcleo familiar. Pessoas que por algum motivo mudam de estado, ou vai tentar a vida nas grandes cidades passam por situações constrangedoras e muitas vezes humilhante. Essas pessoas inculcam que realmente não sabem falar “correto” e absorvem a linguagem dos que estão incluídos

nessa nova realidade ou seja nesse “novo” padrão cultural. Essas mesmas pessoas que passam por certas dificuldades ao retornarem ao seio familiar fazem o mesmo, começa dizer que os seus não fala correto, que em local tal é que falam o português “correto” que os mesmos precisam mudar o comportamento lingüístico. Essas pessoas que absorvem a cultura dos outros e tentam impor aos seus, negam sua própria origem, ou melhor estão se colocando em um nível inferior. Alguém falar correto não é sinônimo que ela seja bem educada. As pessoas avaliam em alguns casos os sons vocais de determinados falantes e esquecem de atribuir os valores sociais atribuídos a cada variante lingüística.

A diversidade lingüística não está apenas na mudança de um grupamento geográfico para outro ou de um individuo para outro, mas também no comportamento lingüístico de um mesmo individuo. Demonstrar que a norma Culta tão defendida pelos gramáticos e intelectuais em nosso país, na verdade trata-se de um instrumento utilizado por estes para exercer um poder de exclusão social sobre grande parte da população brasileira, considerada inculta, estigmatizada e desprestigiada socialmente.

Os grupos Estabelecidos elegem para si as qualidades e o status social privilegiado, são os detentores do poder. Enquanto que os Outsiders eram tidos como ignorantes, ou melhor os que eram submetidos às ordens dos Estabelecidos de Winston Parva. No mundo inteiro podemos descobrir variações dessa mesma configuração básica, encontros entre grupos de recém-chegados, imigrantes, estrangeiros e grupos de residentes antigos (ELIAS, 1990).

Em todos os contextos os falantes usam diferenciadamente a variante de prestígio social. A linguagem é sem dúvida, a expressão mais característica de um comportamento social. Pois é através dela que as pessoas interagem e se comunicam entre si. Há diferenças que são devidas às diferentes camadas sociais, é o que acontece entre estabelecidos e os outsiders. Onde os estabelecidos eram respeitados e estavam sempre em uma posição de prestígio, onde eram respeitados, sendo muitas vezes imitados pelos Outsiders que aceitavam tudo o que os Estabelecidos impunham.

Essas diferenças tornavam as pessoas dessas comunidades estigmatizadas como incapazes ou fracas, incapazes de reagirem, eram como se os mesmos aceitassem sua incapacidade de pensar ou ter opinião com o que achavam “certo” ou “errado”. Como os Outsiders não se igualavam intelectualmente aos Estabelecidos ocorria uma variante que recebe o nome de variante diatrástica.

Quando essa variação ocorre entre diferentes gerações, denominamos de variação diafásica. Enfatizaremos mais uma vez a pesquisa entre estabelecidos e os outsiders. Os outsiders por se acharem inferiores e desprestigiados, economizavam a vida inteira para comprar uma casa para mudar ou tentavam ajudar aos filhos para que estes quando casassem fossem morar em um local de prestígio, onde as pessoas o vissem de maneira diferente. Para eles a ascensão e o respeito está na zona de prestígio.

Sendo assim, as variações adquirem valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e sociais.

A variação diatópica está relacionada às diferenças lingüísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. Vejamos o que acontece no estado de São Paulo. Lá concentram-se uma grande numero de comunidades das mais diversas, ocupando o mesmo espaço geográfico. Temos comunidades de Italianos, Japoneses, Chineses, Espanhóis, e até mesmo pessoas de diferentes regiões do país. Pessoas que dividem o mesmo espaço, porém cada um usando sua diversidade lingüística. Subentende-se que essas pessoas estão dentro de uma comunidade façam uso de sua língua padrão, porém se estão com pessoas de outra comunidade os mesmos adquirem a linguagem nacional do país.

PRETTI (1982:32) classifica os níveis de linguagem do ponto de vista sociolingüístico, considerando três divisões: nível culto, comum e popular. O nível culto caracteriza-se como uma linguagem que se utiliza da língua-padrão, desfruta de prestígio, é utilizada em situações formais e os falantes são altamente escolarizados. É a linguagem usada pela literatura e modalidades variadas da língua escrita. Já o nível popular ocupa o outro extremo eixo: subpadrão lingüístico, ausência de prestígio, uso em situações informais, falantes pouco ou não escolarizados. O nível comum, é uma variante de linguagem nem tão tensa nem tão distensa, empregada por falantes medianamente escolarizados e pelos meios de comunicação de massa.

Partindo destes conceitos. Este estudo buscará elucidar as questões lingüísticas existentes nos personagens do romance “Os Corumbas” do escritor Amando Fontes onde os mesmos são estigmatizados por não fazer parte dos que moram na capital. “Os Corumbas” é um romance escrito numa linguagem coloquial com particularidades da oralidade rural mescladas ao discurso culto de alguns personagens. Percebe-se que a sociedade tem uma escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variante como “certos” ou “errados”, “aceitáveis” ou “inaceitáveis”. Amando Fontes fixa na família Corumbas, personagens principais do romance a diversidade lingüística existente em determinada região enfatizando que cada povo tem sua cultura.

“Os Corumbas” mesmo sendo escrito a algumas décadas atrás, parece retratar o contexto lingüístico da sociedade atual uma vez que há similitude entre as falas dos personagens e os participes sociais. Neste trabalho, pretende-se estabelecer os conceitos e relações entre a Sociologia e a Sociolingüística, englobando os aspectos, regional, social e cultural, particularizando os falares regionais nordestinos, registrados

na narrativa selecionada. Para tanto, esse contexto de diferenças lingüísticas resulta num certo constrangimento, principalmente pelos rotulados de “incultos”, porque a sociedade contemporânea privilegia a norma culta em detrimento das especificidades regionais.

Segundo o teórico Antônio Candido é na segunda fase do modernismo, inserido num período entre duas Guerras Mundiais, que surge no Brasil em 1928, um grupo de escritores do qual faziam parte: Jorge Amado, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Cyro Martins, Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Amando Fontes. Esses segundo a evolução do romance brasileiro, também são responsáveis pelo crescimento progressivo do que alguns críticos denominam literatura regionalista ou romance de 30. Cada um narra os problemas ou situações encontradas em suas regiões.

Coube aos romancistas de 30 registrar em nossa literatura a nova estética, revelando no seu histórico, uma adesão profunda aos problemas de nossa terra e as peculiaridades de cada região. Interessa-nos aqui o trabalho de Amando Fontes e sua obra de caráter regionalista intitulada “Os Corumbas”. Nessa obra Amando Fontes não a constrói segundo o esquema de extrema linearidade narrativa, dentro dos padrões do romance de 30. Não o satisfaz também utilizar uma linguagem, de um lado próximo do coloquial e, de outro, rigidamente filtrado pelas normas gramaticais. Isto, praticamente todos os romancistas dessa época o fazem. Ele vai além quando coloca a variação lingüística no decorrer da narrativa.

Os estudos voltados para o romance dessa época, bem como as verificações a cerca dos aspectos da linguagem rural observado na obra em estudo, serão analisados segundo a visão dos teóricos Afrânio Coutinho, José Aderaldo Castelo, Fernanda

Mussalin, Marcos Bagno entre outros; considerando que eles dedicam-se a estudos mais aprofundados e melhores esclarecedores sobre a literatura regionalista e os preconceitos lingüísticos existentes nessas obras.

Pode-se dizer que o surto ficcional dos anos 30 foi sem dúvida produto de vários trabalhos provocada pelo clima do momento, contando com as motivações provenientes de antecedentes imediatos. A partir dos anos 20 começam as agitações e renovações político-revolucionárias, a fundação do partido comunista, o processo de industrialização, a crise econômica. Com as repercussões da Semana de Arte Moderna-1922, e do primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, surge o então chamado “romance proletário”.

SONHOS DE RETIRANTES:

Amando Fontes discute a linguagem coloquial visando situar-nos de forma plena no contexto lingüístico sociológico e psicológico daquela região. De modo geral, nessa narrativa o escritor focaliza não só o drama vivido pelos nordestinos (a seca, as desigualdades sociais) como também o mundo psicológico dos personagens. Principalmente as desigualdades sociais vividas pelos personagens e os preconceitos que os mesmos sofrem por não pertencer àquela sociedade. Drama vivido pela personagem Caçula. Mesmo freqüentando a escola normal e ter noção da língua “cultura” a mesma era discriminada pelas colegas, por ser imigrante e pobre. A sociedade faz questão de menosprezar todos aqueles que não fazem uso da produção lingüística correta, seja oral ou escrita, sempre estará sujeito a uma avaliação social, positiva ou negativa.

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em conseqüência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das posições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo de substancial, isso não significa que não seja real. Esta realidade é ao mesmo tempo lingüística e social. (MEILLET, 1906).

Segundo Coutinho (2004,p.281), a tônica regional alia-se à questão social e ao drama proletário. O romance social e revolucionário é um natural desdobramento do documentário regional e vai caracterizar a produção da “geração revoltada” da década de 30. É o que acontece com o romance Os Corumbas, sua narrativa está aliada à questão social e ao proletariado. Escrito na segunda fase do modernismo onde destacam-se as criações ficcionais de ambientação nordestina. Sua temática está relacionada a seca, a fome e a imigração situada no meio rural, uma vez que seus personagens não suportando mais o drama da seca, resolvem partir em busca de uma vida melhor. Quando começam a viver na capital percebem que os problemas não os abandonam. Na zona rural viviam o drama da seca, agora na cidade vivem o drama da desigualdade social e os problemas do trabalho mal remunerado, é o reflexo dos conflitos decorrentes da presença numerosa do imigrante.

Trata-se de um romance do proletário infeliz e desesperançado, vivendo entre a ilusão e desenganos mortais. Corumbas, era uma família pobre, que vivia na escassez, e certo dia emigram de uma cidade do interior do engenho da Ribeira em Capela, onde a seca prevalecia, para a capital, Aracaju. A idéia da mudança foi dada por Josefa, a seu esposo Geraldo, com quem tinha cinco filhos. Todos os adultos da família trabalhavam no engenho. O senhor Geraldo era trabalhador rural e não largava a enxada; ora limpava os canaviais do patrão; ora trabalhava para si mesmo.

Josefa achava melhor mudar para Aracaju, o esposo era contra, porém acabou cedendo e resolveram mudar. Na cidade as duas filhas mais velha, Rosenda e Albertina foram trabalhar na Companhia Sergipana de Fiação. Pedro era contramestre da ferrovia e as duas filhas mais nova, Bela e Caçula como eram crianças só estudavam.

Partindo pelo caminho da análise de nossa literatura para bem situar o problema, torna-se relevante questionar, com o propósito de dar uma resposta satisfatória, o que é o regionalismo literário e como ele se enquadra na sociedade. Simultaneamente, o romance social rural como é o caso dos Corumbas define com nitidez as diversificações regionais da paisagem e do homem. Uma vez que a linguagem regional que promove a transformação das obras entendidas como regionalistas vivem crises de angústias ou de inquietação e problemas sociais. A linguagem não pode ser analisada fora do contexto social, pois é através dela que o próprio homem conscientiza-se de que é um ser social, pois ela é motivo de contradições, conflitos e discórdias. Dessa forma, analisa-se o contexto histórico aliado as peculiaridades do discurso de cada personagem dos “Corumbas.

A literatura de um povo consiste em registros de expressão que não surgem em um determinado momento, e sim quando as condições sociais e culturais permitem. A depuração lingüística é um fator que predomina na teorização dos “Corumbas”, a correção da linguagem e o esforço em buscar a palavra exata que proporcione efeito estilístico evidenciando nos discursos dos personagens.

Os estudos dos falares regionais em nosso país ainda são em pequeno número, e que se torna bem menor quando analisamos aqueles trabalhos que tem

enfoque Sociolinguístico, por ser praticamente impossível se dissociar a linguagem da sociedade, uma vez que as mesmas estão interligadas. Cada região tem um falar diferenciado, as pessoas que dela participa reproduz o que se passa a sua volta. O discurso literário, que foi apresentado nos “Corumbas”, pode ser entendido como uma autentica demonstração das variedades lingüísticas da região nordeste. Uma vez que os falares de alguns personagens é típico dessa região, é uma linguagem incomparável, pois se alguém a usa fora da região é logo esteriotipado como cafona ou “paraíba”. O romance é constituído por construções de ordem coloquial recriado a partir do falar espontâneo e puramente representativo de uma maneira se ser e de pensar do sertanejo. A linguagem ficcional possui características de veossimilhança com a linguagem usada na região.

Desiludidos com a seca e a vida miserável que viviam, a família Corumbas migram para a capital em busca de uma vida melhor. Desfazem-se dos pertences que possuem partem rumo ao desconhecido, sim porque para eles a capital seria diferente de tudo aquilo que eles viviam. Não foi só a obra de ficção que teve como temática o êxodo rural e a partida da terra natal. O saudoso Luis Gonzaga clássico do cancionero popular escrito em 1974, traz as variações lingüísticas que marcam a fala do homem do sertão nordestino e relata a imagem da seca e dos retirantes cantou “Asa Branca”, a saga vivida pelos sertanejos, quando estes cansados de sofrer partem para a capital, deixando para traz todos os seus ideais. Na letra da música cantada pelo próprio Luis Gonzaga e posteriormente artistas como Caetano Veloso e Fagner a gravaram.

*Quando oiei a terra ardendo
 Quá fogueira de São João
 Eu perguntei, ai, pra Deus do céu, ai
 Pruque tamanha judiação (GONZAGA,Luis).*

Josefa cansada de sofrer convence à família da mudança, pois a mesma queria que seus filhos tivessem uma vida diferente da sua, na verdade ela queria que os seus tivesse uma vida melhor, longe da seca e do sofrimento. Para ela, “Na capital, havia emprego decente para as duas meninas mais velhas. Era nas fabricas de tecidos. (Fontes,p.26). O que ela não sabia era que na cidade a vida não seria diferente, pois a necessidade e a pobreza persistiam. As filhas começaram a trabalhar na fabrica, mas a miséria continuava presente em suas vidas, uma vez que o proletariado era gente sofredora.

Na década de 30 o Brasil vivia o processo de industrialização e as pessoas viam nas industrias a esperança de uma vida melhor. Homens e mulheres trabalhadores das fábricas de tecidos eram na sua grande maioria pessoas oriundas do interior e do sertão. As fábricas queria mão-de-obra barata e explorava os trabalhadores, uma vez que os mesmos não conheciam seus direitos. Começam as greves e manifestos dos empregados, reivindicando melhores salários. O escritor Amando Fontes relata com precisão os conflitos vividos pelos personagens nas fábricas. O único filho homem da família Corumbas chamado Pedro tornou-se um militante partidário, que desnordeado pelo anarquismo, emigra para o sul.

A falta de estrutura, aliado a falta de escolaridade, fazia dos personagens do romance em estudo, pessoas “diferentes”. Uma vez que as mesmas não pertenciam aquele meio social. O autor descreve essa diferença através dos costumes e da diferença lingüística existente entre os mesmos. A linguagem coloquial dos personagens e o pouco conhecimento da língua culta existente nos diálogos é observada ao longo do livro: - Escute aqui, Maria: você está esperando Odilon?

...Virgem! É muita coragem uma pessoa ficar assim na chuva, “promode” um “troncho” daqueles... – Largue de graça- fez a outra. - É melhor que vá s’embora . (p.41) .

Percebe-se nas falas das personagens algumas variações como “promode”, “troncho” e s’embora. Essas variações estão ligadas ao aspecto social e regional. Uma vez que essas variações só são percebidas nas falas dos operários e na fala dos retirantes, como é o caso das personagens protagonistas. Assim, os “erros” que mais chamam a atenção estão ligados aos falantes que não tem escolaridade ou não conhece a língua culta. Percebe-se que a filha mais nova dos Corumbas, tem uma linguagem “diferente” uma vez que a mesma cursara a escola Normal. Porém a miséria e a pobreza fizeram a mesma esquecer seus sonhos.

A língua evolui com o tempo, porém as mudanças e a evolução com a fala ocorre ininterruptamente. As mudanças individuais no momento da fala parecem estar limitadas por regras que caracterizam o português. Observa-se na fala de alguns dos personagens do romance em estudo o uso do pronome você com variações que eram pertinentes na época. Podemos constatar nos estudos lingüísticos como essas mudanças ocorrem.

Sintaticamente, essas formas de tratamento, pelo menos na sua origem, sintagma nominais como qualquer outro. Assim, no início do século passado quando alguém queria dizer você, usava a variação Vossa Mercê uma vez que era usado nos meios hierarquizados. Com a difusão a forma Vossa Mercê tornou-se mais comum e a expressão passa indicar apenas respeito pela pessoa a quem nos dirigimos. Com a evolução dos anos a expressão fica mais comum. No romance em questão encontra-se

o uso do Vosmecê, uma vez que era a variação que ocorria na época. Essa variação passa a Vossuncê e, com reduções ainda maiores, Suncê e chegando ao nossos dias o Você. Observa-se também nos dias atuais a variante Ce, monossilábica, utilizada por algumas pessoas do nosso século. A variação Vosmecê era usada também na escrita, como podemos observar a carta escrita pelo filho dos Corumbas Pedro aos pais. “Não foi por doença que deixei de escrever a vosmecês. ... – Vosmecês não podem avaliar como aqui tudo é difícil...” (p.196).

Ao observar o repertório lingüístico de alguns dos personagens do romance “Os Corumbas”, observa-se que o escritor usou nas falas dos mesmos variações lingüísticas distintas, uma vez que os habitantes da cidade tem um repertório lingüístico “diferente” das pessoas que vivem no interior. Podemos constatar no diálogo entre a personagem Josefa e o delegado de polícia. - Inhor sim, seu doutor... Ela já contou como foi ao delegado...(p.221) A essas diferentes maneiras de falar adquiridas nas regiões de origem denomina-se variação diatópica . Onde cada um tem sua linguagem definida na região ou local onde vive.

A variação lingüística mais presente no livro em questão é a variação social ou diastrática . Pois os fatores que tem a ver com a identidade dos falantes da família Corumbas está relacionado com a classe social que os mesmos estão inseridos. Eles saem do interior para a cidade, porém continuam vivendo num local desprestigiado. A personagem Caçulinha, filha mais nova da família, tem um repertorio lingüístico distinto dos demais da família. Pois a mesma frequentou a escola e trabalha num setor mais social. A cultura adquirida por Caçula na sociedade é diferente da cultura familiar. A essa variação sociocultural adquirida por Caçula chama-se variação social

ou diastrática. Fala de Caçula com seu noivo Zeca: - Espere, Zeca! nós na~ precisamos de dar muitas voltas pra chegar a um fim: O nosso caso é simples e só tem uma saída. – Não, Caçulinha...Eu vou ser franco...Casar...agora, não é possível...Escute aqui...Eu explico...(p.211). Apesar de Caçulinha ser de origem humilde, as relações sociais e o meio em que a mesma estava inserida mudou seu repertório lingüístico.

Portanto, pode-se dizer que os parâmetros da variação lingüística são diversos, os mesmos são observáveis em várias exposições. Não podemos deixar de registrar, que as relações sociais, o uso formal, o uso informal e a organização sociocultural da comunidade de fala fazem grande diferença nos repertórios lingüísticos e nas variações usadas pelos falantes de modo geral.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola Editorial. 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é como se faz.** São Paulo: Edições Loyola. 1999.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola,2002.

EAGLETON, Terry. **Marx e a liberdade.** São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FIORIN, José Luis. **Introdução à Lingüística.** 4.ed. São Paulo: Contexto,2005.

FONTES, Amando. **Os Corumbas .** 25ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

MUSSALIN, Fernanda,Anna Cristina Bentes. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras.** v.1 – 5. ed. – São Paulo: Cortez,2005.

LEITE, Yonne. **Como falam os brasileiros.**2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

PRETTI, Dino. **Sociolingüística, os níveis da fala.** São Paulo. Cia Editora Nacional, 1989.